

Solo. Balancei um pé de lima
Que nunca foi balançado
Namorei uma menina
Que nunca foi namorado,
Lioné!

(Refrão)

Solo. Ôh que coqueiro tão alto
Na cacimba de bêbê;
Todo o mundo tem inveja
Dêste nosso bemquerê,
Lioné!

(Refrão)

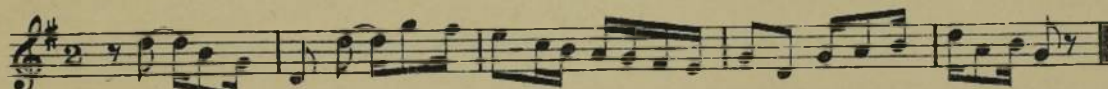
Solo. Ôh que coqueiro tão alto
Que de alto vai ao céu;
Eu conheço o meu benzinho
Pela copa do chapéu,
Lioné!

(Refrão)

Este coco maravilhoso deve ser cantado molengo porêem sem malinconia. Uma grande calma ardente. É tão livre que hesitei em lhe botar indicação de compasso e pus em pontuado as barras de divisão do dois-por-quatro que parece ter servido de metro na criação. Porêem cantado, êle é livre de qualquer compasso possível, um recitativo legitimo. O 1º verso da 1ª estrofe é tradicional e serve de abertura pra muita quadra brasileira. O mesmo se dá com o 1º verso das ultimas estrofes. Em S. José do Rio Pardo (S. Paulo) corre a quadra:

“Que coqueiro tão alto...
Deu cacho na raiz!
Que moço mais bonito
Com dois palmos de nariz!”

O refrão do coco corre no nordeste. Possui a variante seguinte que é paraibana:

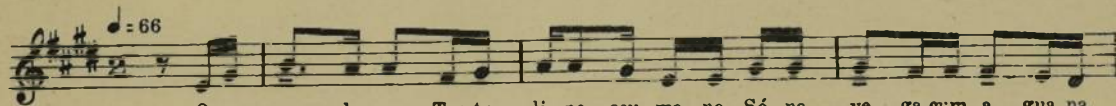


Ai Li - o - né, Ai Li - o - nô Eu es - ta - va na va - ran - da Quando a mo - re na passô!

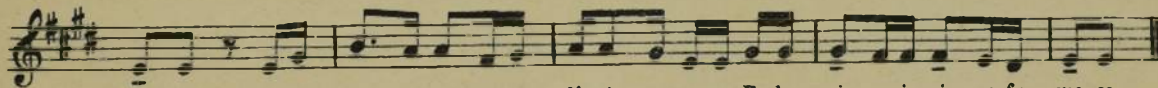
Coco

Vapor de seu Tertulino

R. G. DO NORTE.



O va - por de seu Ter - tu - li - no, seu ma - no, Só na - ve - ga cum a - gua na



cai - xa, E - le tem um re - gu - la - dô ai, seu mano, E bo - ei - ro e cinzei - ro e fu - ma - ça.

O vapor de seu Tertulino,
- Seu mano,
Só navega cum agua na caixa,
Ele tem um reguladô,
- Ai, seu mano,
E boeiro e cinzeiro e fumaça.